

# **Revista Capricho: representatividade e representações de mulheres negras na “Revista da Gatinha” entre 2017 e 2022.**

**Palavras-Chave: Revista Capricho, interseccionalidade, transição capilar.**

**Autores/as:**

**Raissa Clauss Rodrigues [IFCH-UNICAMP]**

**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Isadora Lins França (orientadora) [IFCH - UNICAMP]**

**Prof. Dr. Gustavo Rossi (coorientador) [IFCH - UNICAMP]**

---

## **INTRODUÇÃO:**

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a revista teen on-line, Revista Capricho, entre os anos de 2017 e 2022, para compreender como a revista produz imagens e narrativas de mulheres jovens e negras em suas publicações. Para alcançar tal objetivo, pesquisei por palavras-chaves selecionadas no site da revista, analisando os perfis das colunistas mais pertinentes dentro das matérias selecionadas a partir da pesquisa das palavras-chaves e o perfil de seu público-alvo. Busquei, assim, compreender por quem e para quem a revista é construída. Ademais, constatei um “enegrecimento” dos temas abordados pela revista a partir de 2020, sobretudo, aqueles relacionados ao uso dos cabelos “naturais”, havendo uma mudança do protagonismo branco para o negro nos casos de transição capilar. Neste sentido, pude observar como a revista construiu a imagem da mulher negra a partir dos relatos sobre a transição capilar em oposição em relação aos relatos de mulheres brancas.

## **METODOLOGIA:**

Objetivando a obtenção das perspectivas privilegiadas sobre representação e discursos sobre jovens negras, construída tanto por meio da linguagem escrita quanto visual, utilizou-se da metodologia qualitativa, realizando a coleta de dados através da busca das palavras-chaves “empoderamento”, “representatividade”, “feminismo”, “feminismo negro”, “gênero”, “negritude”, “racismo” e “interseccionalidade” no site da Revista Capricho on-line, no período entre 2017 e 2022. A partir de 2020 houve um aumento da associação entre a transição capilar e o uso do cabelo em seu estado “natural” aos discursos sobre gênero e raça, logo, a categoria “transição capilar” passou a pertencer à

categoria de palavras-chaves, gerando 542 publicações selecionadas ao fim.

Tracei um perfil das pessoas que construíram e consumiam a revista no período ao selecionar as vinte colunistas mais presentes dentre as publicações selecionadas, assim como foi feita análise das 5 “Galeras Capricho” formadas durante o intervalo analisado pela pesquisa, um grupo de garotas selecionadas pela própria revista que representa o público-alvo, que participaram e tiveram acesso à redação, classificando-as assim, entre brancas e negras, baseando-me em minha própria percepção e experiência.

Ademais, foram analisados os relatos publicados pela revista de 4 mulheres negras, (das cantoras Ludmilla e Iza, da dançarina Brunna Gonçalves e da influenciadora digital Camilla de Lucas), bem como os relatos de 4 mulheres brancas (das atrizes Bruna Marquezine, Maísa Silva e Mel Maia e da influenciadora digital Kéfera Buchmann). Os relatos permitiram refletir sobre os modos como a revista abordava a transição capilar de mulheres negras em relação à de mulheres brancas.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO:**

### **A Revista Capricho é construída para e por quem?**

O perfil do público-alvo da Revista Capricho pode ser identificado a partir da Galera Capricho, que é composta por um grupo de cerca de 16 garotas, com idades entre 13 e 18 anos. Essas garotas colaboraram, participaram e tiveram acesso à redação, sendo selecionadas por um processo seletivo criado pela revista. Durante o período investigado, houveram cinco grupos da Galera Capricho nos anos 2016/2017, 2017/2018, 2019/2020, 2021 e 2022. A análise dos membros da Galera Capricho foi feita com base na minha percepção sobre a classificação racial (negras e brancas) e pela localidade, conforme fornecido pela própria revista. Com base nos dados obtidos, conclui-se que o perfil da consumidora da Revista Capricho, nos últimos cinco anos, é predominantemente de adolescentes brancas residentes na região Sudeste do Brasil. Jovens brancas representaram cerca de 71% da Galera Capricho. Em termos de localidade, das 83 garotas analisadas, aproximadamente 75% residiam na Região Sudeste, e destas, 84% eram do estado de São Paulo.

Para analisar a construção da subjetividade da Revista Capricho e seu lugar de enunciação, foram examinados os perfis das 20 escritoras mais relevantes conforme a busca por palavras-chave no site da revista online. Um dos perfis analisados foi o Blog da Galera, composto pela Galera Capricho vigente, que como já citado acima, era majoritariamente branca e sudestina. Entre os 19 perfis restantes, havia 12 escritoras brancas e 7 negras. A maioria dos artigos selecionados que abordam a questão racial foi escrita por mulheres brancas. Na análise das abordagens raciais, percebe-se que escritoras brancas tendem a focar em denúncias de casos específicos de racismo, enquanto as escritoras negras buscam

articular essas denúncias com reflexões mais amplas sobre o combate ao racismo, exaltando personalidades e estéticas negras, e relatando suas próprias experiências como mulheres negras.

Ao considerar o método de denúncia de violência racial, a preocupação de Michael Taussig (1993) sobre mediar o terror através da narrativa é fundamental para combatê-lo efetivamente. Embora existam maneiras de reparar a violência por meio da escrita, a Revista Capricho falha nesse aspecto. Suas denúncias frequentemente explicitam a violência por meio de descrições gráficas e detalhadas, compartilhamento de vídeos e comentários de internautas, que muitas vezes defendem essa violência.

### **Transição Capilar para a Revista Capricho**

Para a Revista Capricho, a transição capilar é mais do que deixar de usar química, é um reencontro e aceitação dos fios naturais, simbolizando um retorno às origens étnico-raciais e promove autoconhecimento (VARELA, 2020). A revista alerta para o preconceito contra o cabelo crespo e as situações de inseguranças associadas. As matérias sobre transição capilar apresentam imagens de mulheres negras, principalmente com cabelo crespo no estilo *black power*, destacando a sua beleza, simbolizando a retirada do negro da posição de inferioridade racial causada pelo racismo, rejeitando padrões estéticos brancos e europeus e exaltando a cultura africana através do autoconhecimento e autoaceitação racial (GOMES, 2019)

Os artigos incluem relatos de mulheres negras que passaram pelo processo, descrevendo-o como “difícil” devido à resistência aos padrões de beleza impostos, problemas de autoestima e, em menor grau, o racismo. A categoria "racismo" é mobilizada apenas quando há discriminação específica relacionada ao cabelo, sendo menos discutida do que deveria. Segundo Guerreiro Ramos, os estigmas estéticos associados aos corpos e cabelos das pessoas negras são fundamentais para a existência do racismo, colocando os negros em oposição à beleza branca e europeia e associando-os à feiúra e degradação (RAMOS, 1957). Também, é frequentemente utilizado o termo "Orgulho Crespo", originado na Marcha do Orgulho Crespo de 2015, criada pelo projeto Hot Pente e o Blog das Cabeludas. A revista celebra o dia do Orgulho Crespo como uma data para suas leitoras se orgulharem de suas "coroas crespas e cacheadas", destacando que essa luta é parte de um legado histórico liderado por mulheres negras, que reivindicavam seus direitos e liberdades através de seus cabelos. A revista lembra que uma das violências simbólicas da escravização foi o apagamento de identidades africanas, forçando-os a rasparem suas cabeças, já que o cabelo denota etnia, religião e status social.

### **Relatos**

Os relatos acompanharam o processo de transição capilar de quatro mulheres negras e quatro mulheres brancas, entendendo suas motivações e como foram os processos. Elas são retratadas como

grandes referências e inspirações na transição capilar, cada uma com suas particularidades. Nota-se que as mulheres negras primeiramente alisavam seus cabelos, pois, por falta de representações de cabelos crespos e cacheados, acreditavam que seus cabelos eram feios e o alisamento era uma maneira de “disciplinar” seus fios. Existe a identificação de que a estigmatização desse tipo de curvatura de fios é por conta do racismo, e todo o processo é permeado por uma resistência ao padrão de beleza branco e europeu e pela luta da liberdade de usarem seu cabelo como bem entenderem. As mulheres negras sofrem diferentes graus de violência durante todo o processo, seja ele injúria racial direta, um exemplo é o caso onde uma socialite disse que a peruca que Ludmilla usou se assemelhava a um “bombril” ou por críticas por não estarem sempre ostentando seus fios no estado “natural”, simbolizando seu orgulho racial, como acontece com a influencer Camilla de Lucas e também com Ludmilla, por estarem usando *laces* ou extensões de cabelo.

Para as mulheres brancas, o alisamento também surge pela pressão estética - em alguns casos atrizes optaram por alisar quimicamente o cabelo para interpretar papéis em novelas -, porém, no desdobramento da transição capilar, elas são cobradas para manterem seus cachos sempre definidos, caso contrário eram criticadas por não cuidarem de seus cabelos e constantemente eram incentivadas a desistir do processo. Enquanto os relatos das mulheres brancas demonstraram que a sua transição atinge a elas mesmas e seus cabelos, para as mulheres negras, a transição capilar é um processo doloroso que vai contra os padrões estéticos hegemônicos reforçados pelo racismo e pela branquitude, vai além do seu significado estético, alcançando nível político. Esses padrões reforçados pela sociedade brasileira, exclui pessoas negras de escolas e empregos caso elas deixem sua estética negra fluir livremente (GOMES, 2019).

## **CONCLUSÕES:**

A demanda por diversidade fez com que a Revista Capricho passasse por transformações, para poder dialogar com as necessidades das juventudes contemporâneas. No entanto, essa mudança ocorre lentamente e a revista ainda é majoritariamente produzida por mulheres brancas para garotas brancas. Embora haja uma preocupação em abordar debates raciais, isso geralmente se limita a descrições detalhadas de violências contra corpos negros, quando escritas por jornalistas brancas. As poucas colunistas negras se encarregam de compartilhar suas experiências, exaltar a história negra, explicar desigualdades raciais e expor os silenciamentos impostos às mulheres negras. É crucial que pessoas de grupos privilegiados participem de debates variados para entender as hierarquias criadas a partir de seus privilégios e os impactos sobre os grupos subalternos (RIBEIRO, 2017).

Uma forma de resistência ao padrão de beleza é a transição capilar. Ao abandonar o alisamento, mulheres negras fazem uma declaração política e estética, buscando uma identidade negra. O cabelo,

categorizado entre "bom" (liso) e "ruim" (crespo), reflete estigmas raciais: o liso é associado à maleabilidade, disciplina e limpeza, enquanto o crespo é visto como o oposto (BETTI, 2022). O cabelo crespo, portanto, é um marcador da negritude e não é um elemento neutro, pois padrões estéticos são influenciados pelo grupo hegemônico na sociedade (GOMES, 2019). O alisamento simboliza a opressão da "ditadura branca", onde mulheres negras alteram sua aparência para se conformar aos padrões de beleza brancos, interiorizando o racismo (HOOKS, 2014). A transição capilar, por outro lado, busca a naturalidade dos cabelos como essência da identidade negra. Os relatos na Revista Capricho mostram que o processo é mais difícil para as mulheres negras, o caminho da transição é permeado de violência racial, e a liberdade para portarem o cabelo da maneira que quiserem é limitada à pressão de sempre exibirem orgulho de seu cabelo natural. Além do mais, revela-se como raça é um conceito relacional, sem nunca poder ser definitivamente fixado, ficando sujeito a um processo sem fim de resignificação, com a finalidade de designar diferentes coisas em diferentes situações (HALL, 2013).

---

## **BIBLIOGRAFIA**

BETTI, Marcella Uceda. **Voltando às raízes: política, corpo e consumo na valorização dos cabelos cacheados e crespos**. 2022. Tese de Doutorado - Universidade Estadual de Campinas

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

HALL, Stuart. **Raça, o significante flutuante**. Z cultural: revista do programa avançado de cultura contemporânea. São Paulo. 2013

HOOKS, Bell. **Alisando o nosso cabelo**. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>. Acesso em: 1 ago. 2024

RAMOS, Alberto G. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1957.

TAUSSIG, Michael. **Xamanismo, Colonialismo e o Homem Selvagem: um estudo sobre o terror e a cura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

Varela, Thais. **Transição capilar: o que é, como fazer e dicas para passar pelo processo**. 2020. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/beleza/transicao-capilar-o-que-e-como-fazer-e-dicas-para-passar-pelo-processo/>. Acesso em: 1 ago. 2024.